

O fantástico a partir de fragmentos da metafísica. Uma leitura de “La lotería en Babilonia”

Heloisa Helena Siqueira Correia

(Universidade Federal de Rondônia, Brasil)¹

Resumo: O texto estuda o fantástico construído por Jorge Luis Borges no conto “La lotería en Babilonia” em termos do que se denomina fantástico metafísico. Para tanto, leva em consideração que a literatura borgeana trabalha com a filosofia levando em conta os problemas que envolvem a metafísica na contemporaneidade, transformando, metafísica e crítica da metafísica, em material estético para criação de seu modo particular de criar o fantástico.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges, Fantástico metafísico, Nietzsche, Morte de Deus, Metafísica.

Abstract: The paper investigates the fantastic built by Jorge Luis Borges in the short story “La lotería en Babilonia” in terms of what is called metaphysical fantastic. To this end, it considers that Borges literature works with the philosophy taking into account the problems involving metaphysics nowadays, turning, metaphysics and critique of metaphysics in aesthetic material to create his particular way of creating fantastic.

Keywords: Jorge Luis Borges, Metaphysical fantastic, Nietzsche, Death of God, Metaphysics.

Este texto tem por objetivo identificar o fantástico presente no conto “La lotería en Babilonia” (1994a 456-460) de Jorge Luis Borges. O breve texto, de 1941, dá mostras de que o fantástico em Borges é, a um só tempo, literatura e metafísica. Essa

1. Graduada em Filosofia pela UNESP- Campus de Marília (1992), Mestre em Letras pela UNESP- Campus de Assis (1997) e Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2006). Após ingressar como professora adjunta na Universidade Federal de Rondônia-UNIR (2009) inicia o projeto de pesquisa *O fantástico: intersecções críticas* (2010), em que estuda a vertente crítica do fantástico na obra de autores como Borges, Cortázar, Rubião e J.J. Veiga e ao qual se vinculam orientações de alunos de iniciação científica e mestrado. No mesmo ano inicia seu trabalho como líder do Grupo de Pesquisas em Estudos Literários da UNIR, ainda em andamento. Em 2012 passa a ser membro do GT ANPOLL- *Vertentes do insólito ficcional* e em 2014 amplia sua pesquisa com novo projeto que passa a desenvolver concomitantemente: *Estéticas da Terra: política, literatura, mito e ciência*. Neste projeto estuda os modos pelos quais a literatura problematiza, inventa, reinventa ou enfrenta a questão da aventura humana com a Terra-terra e os seres vivos que com o homem compartilham a existência terrestre; isto faz frequentando o campo dos estudos animais e as obras de autores como Murilo Rubião, Mia Couto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Vicente Cecim, Franz Kafka e Astrid Cabral, autores de obras que são também objeto de estudo de suas orientandas.

simultaneidade adquire um sentido especial a partir do processo de fragmentação da metafísica, o que se pode ler, principalmente em duas narrativas.

A morte dos deuses da mitologia narrada por Borges em “Ragnarök” (183-184), texto de 1960, e a morte de Deus, narrada pelo filósofo Friedrich Nietzsche no aforismo 125 de *A gaia ciência* (2001 147-148), texto de 1882, podem ser tomadas como metáforas do fim da metafísica ocidental, ou como a crítica e ruína dos seus conceitos, valores e princípios, e por isso configuram-se agora como ponto de partida da leitura do conto mencionado.

A morte dos deuses mitológicos no momento de produção do texto borgeano testemunha que os deuses continuaram vivos durante os séculos em que, muito possivelmente, a razão acreditava que já havia dado cabo deles. Também faz desconfiar que tal morte pode não significar morte definitiva, como não significou da primeira vez, quando filosofia e ciência supostamente nasceram. O texto, por sua vez, aponta para outra suspeita, a narração borgeana sugere que se suspeite também do acontecimento da morte de Deus narrado por Nietzsche. Afinal: se os deuses sobrevivem à morte, Deus também não sobreviveria? A morte de Deus narrada por Nietzsche critica metaforicamente os valores da razão moderna. Ambos os acontecimentos, nesse sentido, são metáforas do processo de transformação de Deus e deuses em metáforas destituídas de essência ou propriedades, pois que, de acordo com a filosofia de Nietzsche, são apenas antropomorfismos (1996).

Observa-se aí, então, que o fato da morte de Deus e dos deuses, assim como de qualquer conceito ou valor metafísico, parece que não é algo que já tenha ocorrido de uma vez por todas, antes é um processo em andamento, e sobre o qual nem sabemos se realmente terá como fim realmente a morte. Antes, é possível pensar que a crítica à metafísica promove a superação de algumas crenças, valores e conceitos metafísicos, sem, no entanto, dar cabo totalmente da metafísica, pois que as mesmas crenças, valores e conceitos permanecem existindo, não integralmente nem com o acordo geral, mas sobrevivem, criticados, parcializados, fragmentados e problematizados.

Ambos os acontecimentos de morte seguem continuamente projetados nos céus de nossa cultura e no espaço cósmico, enquanto na terra e na Terra vive-se assistindo ao espetáculo que mantém a memória viva dos valores, conceitos e elementos metafísicos em sua versão fragmentada, criticada, e lentamente territorializada. Os textos borgeanos em que se encontram tais elementos são muitos. Nossa leitura, por ora, incide apenas sobre o conto “La lotería en Babilônia” (Borges, 1994a 456-460), em que está presente a onipotência destituindo-se de poderes. Nele é identificável a metafísica como um problema e, ao mesmo tempo, como um tipo de saber que, criticado ou não, vive na nossa

linguagem e pensamento. O procedimento textual reconhecido pela leitura é o metafórico e a leitura se dedica a refletir sobre sua construção.

O título do conto sugere o exercício do jogo localizado em um determinado lugar: a Babilônia. Por isso o texto é fértil em observações acerca da cultura babilônica. Misturam-se aí, como em muitos outros textos borgeanos, a narrativa e o ensaio. No caso do texto em questão, a voz da história é a de um *homem da Babilônia* prestes a embarcar em um navio; alguém, portanto, que está em viagem. Apresenta-se como alguém que rememora, em vida, uma série de vicissitudes biográficas, declarando que, diferente de Pitágoras, “... yo no preciso recurrir a la muerte ni aún a la impostura” (Borges, 1994a 456). Tais vicissitudes observadas pelo narrador localizam-no como *homem da Babilônia*, participante, então, de uma cultura bastante distante da cultura do leitor e algo desconhecida:

Como todos los hombres de Babilonia, he sido procónsul; como todos, esclavo; también he conocido la omnipotencia, el oprobio, las cárceles. Miren: a mi mano derecha le falta el índice. **Miren: por este desgarrón de la capa se ve en mi estómago un tatuaje bermejo: es el segundo símbolo, Beth.** Esta letra, en las noches de luna llena, me confiere poder sobre los hombres cuya marca es Ghimel, pero me subordina a los de Aleph, que en las noches sin luna deben obediencia a los Ghimel. En el crepúsculo del alba, en un sótano, he yugulado ante una piedra negra toros sagrados. Durante un año de la luna, he sido declarado invisible: gritaba y no me respondían, robaba el pan y no me decapitaban. He conocido lo que ignoran los griegos: la incertidumbre. En una cámara de bronce, ante el pañuelo silencioso del estrangulador, la esperanza me ha sido fiel, en el río de los deleites, el pánico. (Borges, 1994a 456)

Note-se a diversidade de experiências do narrador, a incerteza de sua existência, sua obediência a certa hierarquia desconhecida e os sentimentos universais: esperança e medo.

Na busca de um responsável por essa diversidade e disparates o narrador afirma: “Debo esa variedad casi atroz a una institución que otras repúblicas ignoran o que obra en ellas de modo imperfecto y secreto: la lotería” (Borges, 1994a 456). Ainda não é possível saber a que se refere o narrador, mas já sabemos que a mencionada loteria não é exclusividade da Babilônia.

O narrador declara que a loteria, até então, tem sido parte do impensado e do desconhecido:

No he indagado su historia; sé que los magos no logran ponerse de acuerdo; sé de sus poderosos propósitos lo que puede saber de la luna el hombre no versado en astrología. Soy de un país vertiginoso donde la lotería es parte principal de la realidad: hasta el día de hoy, he pensado tan poco en ella como en la conducta de los

dioses indescifrables o de mi corazón. Ahora, lejos de Babilonia y de sus queridas costumbres, pienso con algún asombro en la lotería y en las conjeturas blasfemas que en el crepúsculo murmuran los hombres velados. (Borges, 1994a 456)

Por tais palavras, percebe-se que o narrador leva em consideração a distância que o separa de Babilônia –país vertiginoso– como possibilidade de pensar a loteria. Assume ter pensado muito pouco “en la conducta de los dioses indescifrables o de mi corazón” e também na loteria. Certamente é a distância que lhe possibilita a narrativa e o ensaio acerca da loteria, o que se configura em termos da apresentação da história da loteria ao leitor.

O conhecimento histórico da personagem acerca da loteria, que recebera de seu pai, informa ao leitor que a loteria teria sido um jogo de caráter plebeu cujo prêmio era uma quantia de moedas –nesse sentido muito parecida com a nossa loteria–; isso teria, segundo o narrador, levado a loteria ao fracasso, já que “Su virtud moral era nula” (Borges, 1994a 456), por se dirigir a apenas uma das faculdades do homem: sua esperança. E o narrador continua fazendo uma pequena história da loteria ao mencionar certa reforma que se seguiu ao primeiro formato e que diz respeito a “... la interpolación de unas pocas suertes adversas en el censo de números favorables” (Borges, 1994a 457).

Tal reforma, no entanto, apesar de atrair o interesse do público, criou uma situação inusitada: a não participação nos jogos da loteria e o recebimento de sortes adversas ditaram o modo como os homens passaram a ser objeto de pré-conceitos e desprezo por parte da sociedade. Como nem todos os perdedores cumpriam o pagamento da multa que a loteria determinava, a loteria, doravante denominada Companhia, vê-se obrigada a proteger os ganhadores prejudicados pela falta de moedas para o pagamento de seus respectivos prêmios.

Em seguida, a narrativa afirma que um juiz passa a condenar os perdedores ao pagamento de multa ou ao cárcere, o que sugere a aproximação entre jogo e mecanismos de aplicação da justiça. Nas palavras do narrador percebemos que os perdedores optaram pelo cárcere como medida de ataque a tal Companhia; no entanto, tal medida tornou-a ainda mais poderosa: “De esa bravata de unos pocos nace el todopoder de la Campaña: su valor eclesiástico, metafísico” (Borges, 1994a 457). A Companhia, então, substitui as multas pelo cárcere e, em seguida, estimulada pelos jogadores, aumenta o número de más-sortes.

O que estará em jogo, a partir de então, será a felicidade; tal como o azar, os números de boa sorte passarão a conceder prêmios não monetários. Percebe-se até aqui o seguinte movimento de variação na apresentação do jogo: 1º jogo de caráter plebeu; 2º jogo de caráter punitivo; 3º jogo de caráter moral. O narrador refere-se aos mora-

listas: “Algunos moralistas razonaron que la posesión de monedas no siempre determina la felicidad y que otras formas de la dicha son quizá más directas” (Borges, 1994a 457). O caráter metafísico da Companhia estaria, então, em sua ação de determinar a felicidade e a infelicidade na vida humana. Curiosamente, no entanto, logo em seguida ao surgimento de seu valor metafísico, a loteria será objeto de crítica e reivindicação de democratização para que, sacerdotes, ricos e pobres pudessem participar igualmente dos sorteios. Logo, o povo determina: 1º, a unificação de Companhia e poder público; e 2º, “... que la loteria fuera secreta, gratuita y general” (Borges, 1994a 458). Aparentemente, então, a loteria é colocada a serviço da igualdade social, enquanto o poder sacerdotal da loteria apenas aumenta.

O texto procurar revelar ao leitor o valor metafísico e eclesiástico da Companhia como a outra face da moeda da democracia:

Quedó abolida la venta mercenaria de suertes. Ya iniciado en los misterios de Bel, todo hombre libre automáticamente participaba en los sorteos sagrados, que se efectúan en los laberintos del dios cada sesenta noches y que determinaban su destino hasta el otro ejercicio. Las consecuencias eran incalculables. Una jugada feliz podía motivar su elevación al concilio de magos o la prisión de un enemigo (notorio o íntimo) o el encontrar, en la pacífica tiniebla del cuarto, la mujer que empieza a inquietarnos o que no esperábamos rever; una jugada adversa: la mutilación, la variada infamia, la muerte. A veces un solo hecho –el tabernario asesinato de C, la apoteosis misteriosa de B– era la solución genial de treinta o cuarenta sorteos. (Borges, 1994a 458)

Como se pode notar, a interferência da Companhia acontece de múltiplas formas, revelando que seu saber sobre os homens é incalculável, chegando, inclusive, à sua intimidade. Tal abrangência aparentemente metafísica parece mascarar a estratégia dos homens da Companhia que “... eran (y son) todopoderosos y astutos” (Borges, 1994a 458).

É possível perceber que Borges está narrando e ensaiando ao mesmo tempo em que está criticando um conteúdo metafísico, pois seu texto concomitantemente acrescenta, aos homens da companhia, os adjetivos *todo-poderosos* e *astutos*. O primeiro adjetivo seria uma qualidade conhecida como atributo metafísico da divindade e o segundo seria próprio apenas do mundo humano. Então, os astutos homens estariam tentando se fazerem passar por Deus? Nesse sentido, os homens da Companhia, estariam manipulando o jogo de cena da Companhia como artistas que brincam com as sombras para adquirirem poder sobre seu público? Tal pensamento é sugerido pela seguinte reflexão de Nietzsche, de 1882:

O caráter geral do mundo, no entanto, é caos por toda a eternidade, não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de ordem, divisão, forma, beleza, sabedoria e como quer que se chamem nossos antropomorfismos estéticos. [...] Guardemo-nos de dizer que há leis na natureza. Há apenas necessidades: não há ninguém que comande, ninguém que obedeça, ninguém que transgrida. Quando vocês souberem que não há propósitos, saberão também que não há acaso: pois apenas em relação a um mundo de propósitos tem sentido a palavra 'acaso'. [...] Mas quando deixaremos nossa cautela e nossa guarda? Quando é que todas essas sombras de Deus não nos obscurecerão mais a vista? Quando teremos desdivinizado completamente a natureza?... (Nietzsche, 2001 136)

A natureza é desdivinizada pelo homem, assim como a loteria? Ao fim e no início, está o mesmo homem na sua frenética ação de antropomorfizar? Não há Companhia, assim como não há desígnios divinos, propósitos ou acasos?

Parece que a vida humana seria mais segura, se houvesse, por natureza, um sentido respondendo a uma meta. Mas como não há, o homem inventa isso. Borges estaria, então, denunciando os homens por trás da Companhia: seres históricos que se aproveitam de um suposto poder metafísico que a si mesmos atribuem e o usam:

En muchos casos, el conocimiento de que ciertas felicidades eran simples fábrica del azar, hubiera aminorado su virtud; para eludir ese inconveniente, los agentes de la Compañía usaban de las sugerencias y de la magia. Sus pasos, sus manejos, eran secretos. Para indagar las íntimas esperanzas y los íntimos terrores de cada cual, disponían de astrólogos y de espías. Había ciertos leones de piedra, había una letrina sagrada llamada Qaphqa, habían unas grietas en un polvoriento acueducto que, según opinión general, daban a la Compañía; las personas malignas o benévolas depositaban delaciones en esos sitios. Un archivo alfabético recogía esas noticias de variable veracidad.

Increíblemente, no faltaron murmuraciones. La Compañía, con su discreción habitual, no replicó directamente. Prefirió borrajear en los escombros de una fábrica de caretas un argumento breve, que ahora figura en las escrituras sagradas. Esa pieza doctrinal observaba que la lotería es una interpolación del azar en el orden del mundo y que aceptar errores no es contradecir el azar: es corroborarlo. Observaba asimismo que esos leones y ese recipiente sagrado, aunque no desautorizados por la Compañía (que no renunciaba al derecho de consultarlos) funcionaban sin garantía oficial. (Borges, 1994a 458)

O texto traz ao leitor as artimanhas da dissimulação sacerdotal para fins de afirmação de seu poder. A onipotência, atributo divino, parece ter degenerado em astúcia ardilosa de sacerdotes que a imitam a seu modo e simulam explicações grandiosas acerca dos mistérios, como a citada explicação a respeito da loteria. Cabe lembrar o pensamento de Nietzsche sobre a mútua dependência propósito-acaso e também, nesse movimento, certa observação borgeana de 1980: "... lo que llamamos azar es nuestra ignorancia de la compleja maquinaria de la causalidad..." (Borges, 1994b 208). Conclui-se então

que tais conceitos apenas podem existir enquanto formam uma dupla indissociável. E, mais ainda, como personagens históricas, os sacerdotes trabalham para que a metafísica mantenha-se viva entre o povo de Babilônia, o que lhes assegura o exercício do poder. Nesse sentido, o leitor que lê no texto borgeano a problematização e a crítica da metafísica percebe a onipotência (atributo divino) historicizada, fragmentada e humanizada. O leitor identifica a estratégia de manipulação da metafísica pelos sacerdotes como funcionamento da lógica eclesiástica, tão somente.

O texto informará o leitor ainda, a respeito das especulações que surgem da explicação aparecida nas ruínas da fábrica de máscaras e, “... la declaración oficiosa que he mencionado inspiró muchas discusiones de carácter jurídico-matemático” (Borges, 1994a 459). Tais especulações provocam uma reforma da loteria no sentido de que o acaso passe a interferir em todas as etapas do jogo, e não apenas na indicação do prêmio feliz ou infeliz.

O narrador anuncia que tentará resumir as complexidades de tal reforma, e inicia seu resumo simbólico:

Imaginemos un primer sorteo, que dicta la muerte de un hombre. Para su cumplimiento se procede a un otro sorteo, que propone (digamos) nueve ejecutores posibles. De esos ejecutores, cuatro pueden iniciar un tercer sorteo que dirá el nombre del verdugo, dos pueden reemplazar la orden adversa por una orden feliz (el encuentro de un tesoro, digamos), otro exarcebará la muerte (es decir la hará infame o la enriquecerá de torturas), otros pueden negarse a cumplirla. ... Tal es el esquema simbólico. (Borges, 1994a 459)

Como ilustração, a citação acima permite imaginar o alcance dos sorteios e a determinação do acaso na vida humana. O que se segue é nova reflexão a respeito da nova face da loteria, agora reformada. Nas palavras do narrador:

En la realidad el **número de sorteos es infinito**. Ninguna decisión es final, todas se ramifican en otras. Los ignorantes suponen que, infinitos sorteos requieren un tiempo infinito, en realidad basta que el tiempo sea infinitamente subdivisible, como lo enseña la famosa parábola del Certamen con la Tortuga. Esa infinitud coincide de admirable manera con los sinuosos números del Azar y con el Arquetipo Celestial de la Lotería, que adoran los platónicos... (Borges, 1994a 459)

Como é de se supor, quando se consideram outros textos de Borges, a questão levantada pelo problema dos sorteios, envolvendo sua determinação pelo acaso, recai em outros problemas, também de ordem metafísica, como os problemas do infinito e do tempo. “La lotería en Babilonia” trata, predominantemente, da determinação e do acaso, porém, Borges não hesita em percorrer o ambiente metafísico que tal dualidade habita e, coerentemente, localiza a prática dos sorteios em um tempo infinitamente divisível; o que absolutiza o poder da Companhia.

De novo o texto oscila: de uma perspectiva que contemplava os aspectos histórico e humano da Companhia, o leitor encontra-se agora com a abstração do funcionamento da Loteria, que passa a aludir metaforicamente a um desempenho cosmológico. A menção à aporia de Zenão colabora para tal consideração. E a menção aos arquétipos e à sua adoração pelos platônicos mantém a abordagem da Loteria como entidade metafísica primeiramente e, em seguida, refere-se a seu caráter divinizado. Como um arquétipo divino, a Loteria é adorada pelos platônicos, ou, em outras palavras, os metafísicos verão na Loteria a força da Verdade, da Beleza e da Bondade atuando na vida humana, e a respeitarão por isso. Essa é a perspectiva dos que vivem em meio à memória da metafísica, cultivando-a e reverenciando-a. Fazem vista grossa à estrutura institucional da Loteria, à astúcia e às estratégias dos homens de poder. Onde há racionalidade humana, vêem apenas onipotência ou determinação divina. Onde há jogo humano, vêem propósitos e desígnios do universo, plenos de sabedoria e justiça.

Encontra-se tal perspectiva em vários outros textos borgeanos, com menção, agora, para dois deles: “Inferno, I, 32”, de 1960, e “El encuentro”, de 1970. Em “Inferno, I, 32”, Deus fala, em sonho, a um leopardo e a Dante igualmente declarando-lhes individualmente os propósitos ou razões de suas vidas. Ambos, ao acordarem, aceitam seus destinos, mas não se recordam do sonho e da declaração feita por Deus, porque, segundo o autor: “... la máquina del mundo es harto compleja para la simplicidad de una fiera.”, e, “... la máquina del mundo es harto compleja para la simplicidad de los hombres” (Borges, 1993 185) - o que parece, ironicamente, justificar que fera e homem aceitem o todo-poder divino sobre suas vidas. O texto “El encuentro”, por sua vez, narra a história de um duelo singular, não determinado pelos que pelem, mas pelas armas que têm os homens como instrumentos de sua história. Lê-se no texto:

Nueve o diez hombres, que ya han muerto, vieron lo que vieron mis ojos –la larga estocada en el cuerpo bajo el cielo– pero el fin de otra historia más antigua fue lo que vieron. Maneco Uriarte no mató a Duncan; las armas, no los hombres, pelearon. Habían dormido, lado a lado, en una vitrina, hasta que las manos las despertaron. Acaso se agitaron al despertar; por eso tembló el puño de Uriarte, por eso tembló el puño de Duncan. Las dos sabían pelear –no sus instrumentos, los hombres– y pelearon bien esa noche. (Borges, 1993 421)

Neste caso, o poder de determinação do destino humano não está nas mãos de Deus, mas nas armas que cumprem o propósito de suas existências: pelear. Tal como Deus, as armas desempenhariam o papel de determinação como força externa e objetiva que atua sobre o mundo histórico e humano. E ainda que as armas sejam objetos, sua disposição no texto é de ordem metafísica, tal como Deus em “Inferno, I, 32”.

O possível desempenho metafísico e cosmológico da Loteria é explicado pela exposição de exemplos de sorteios impessoais, de abrangência planetária:

También hay sorteos impersonales, de propósito indefinido: uno decreta que se arroje a las aguas del Éufrates un zafiro de Taprobana; otro, que desde el techo de una torre se suelte un pájaro; otro, que cada siglo se retire (o se añada) un grano de arena de los innumerables que hay en la playa. Las consecuencias son, a veces, terribles. (Borges, 1994a 459-60)

Tais consequências, de acordo com a perspectiva metafísica, não poderiam ser conhecidas a não ser no momento mesmo de seu acontecimento. O valor estético de tais exemplos é claro, e Borges parece se utilizar de novo de raciocínios metafísicos de modo inusitado e particular.

A esse respeito, vale a pena ler o poema “Las causas”, de 1977, exemplo do alcance do nível estético por meio de raciocínio metafísico, dessa vez localizado no próprio movimento factual da história:

Los ponientes y las geraciones.
Los días y ninguno fue el primero.
La frescura del agua en la garganta
De Adán. El ordenado Paraíso.
El ojo descifrando la tiniebla.
El amor de los lobos en el alba.
La palabra. El hexámetro. El espejo.
La Torre de Babel y la soberbia.
La luna que miraban los caldeos.
Las arenas innúmeras del Ganges.
Chiang-Tzu y la mariposa que lo sueña.
Las manzanas de oro de las islas.
Los pasos del errante laberinto.
El infinito lienzo de Penélope.
El tiempo circular de los estoicos.
La moneda en la boca del que ha muerto.
El peso de la espada en la balanza.
Cada gota de agua en la clepsidra.
Las águilas, los fastos, las legiones.
César en la mañana de Farsalia.
La sombra de las cruces en la tierra.
El ajedrez y el álgebra del persa.
Los rastros de las largas migraciones.
La conquista de reinos por la espada.
La brújula incesante. El mar abierto.

El eco del reloj en la memoria.
El rey ajusticiado por el hacha.
El polvo incalculable que fue ejércitos.
La voz del ruiseñor en Dinamarca.
La escrupulosa línea del calígrafo.
El rostro del suicida en el espejo.
El naipe del tahúr. El oro ávido.
Las formas de la nube en el desierto.
Cada arabesco del calidoscopio.
Cada remordimiento y cada lágrima.
Se precisaron todas esas cosas
Para que nuestras manos se encontraran
(Borges, 1994b 199)

A partir daí se percebe a sugestão de que os que dão as mãos não emitem, com isso, um ato de vontade. Seu ato, ao contrário, parece decorrente do passado, da história que os determina: vê-se aí outro modo do pensamento metafísico, no qual a determinação da história se dá pelo poder de determinações anteriores, supondo que essas sejam as causas do acontecimento presente. Os elos que unem tais causas permanecem desconhecidos; a apresentação das causas pelo autor é feita pelo modo do pontilhismo. O movimento que uniria os pontos para justificar o argumento da causalidade permanece invisível.

O mesmo acontece em “El juego”, de 1977:

No se miraban. En la penumbra compartida los dos estaban serios y silenciosos.
Él le había tomado la mano izquierda y le quitaba y le ponía el anillo de marfil y el anillo de plata.
Luego le tomó la mano derecha y le quitó y le puso los dos anillos de plata y el anillo de oro con piedras duras.
Ella tendía alternativamente las manos.
Esto duró algún tiempo. Fueron entrelazando los dedos y juntando las palmas.
Procedían con lenta delicadeza, como si temieran equivocarse.
No sabían que era necesario aquel juego para que determinada cosa ocurriera, en el porvenir, en determinada región. (Borges, 1994b 182)

Quando se aplica o poder invisível da Companhia a tais narrativas, percebe-se ainda melhor sua suposta atuação onipotente e necessária. Esse tipo de leitura, no en-

tanto, conduz facilmente para o esmaecimento da história. A leitura do texto borgeano enfoca a metafísica como problema; o acaso em “Las causas” e em “El juego” constitui apenas o desconhecido para o homem.

Tal desconhecido é corrigido, segundo Borges, pelos historiadores que inventam ou ficcionalizam os acasos da história e nela própria:

Nuestros historiadores, que son los más perspicaces del orbe, han inventado un método para corregir el azar; es fama que las operaciones de ese método son (en general) fidedignas; aunque, naturalmente, no se divulgan sin alguna dosis de engaño. Por lo demás, nada tan contaminado de ficción como la historia de la Compañía... Un documento paleográfico, exhumado en un templo, puede ser obra del sorteo de ayer o de un sorteo secular. (Borges, 1994a 460)

Nesse sentido, a história pode ser um conhecimento construído sobre pistas, documentos, testemunhas e objetos falsos ou fictícios dessa entidade metafísica denominada Loteria ou Companhia? Isso não faz com que o homem, reversamente, descubra que seu desconhecimento é a única certeza, pois o que os historiadores fazem em Babilônia é o mesmo que nossos historiadores fazem? Então, o suposto sentido implícito na história, caso a Companhia exista, não é efetivo, é falseado por ela; assim como nós mesmos inventamos um sentido para a história do homem, para nos apoiarmos na ilusão de a conhecermos.

Nietzsche é elucidativo quanto a isso. Em *Humano, demasiado humano*, texto de 1878, encontram-se as seguintes observações: “A divinização do vir a ser é uma perspectiva metafísica –como de um farol à beira do mar da História– na qual uma geração muito historicizante de eruditos achou consolo; não podemos nos irritar com isso, por mais errada que talvez seja esta concepção” (Nietzsche, 2000 165-66).

A pressuposição de que propósitos, desígnios, objetivos e obstáculos divinos e poderosos dirijam a história é, concomitantemente, consoladora e aterradora, pois supõe a onipotência de Deus em ação constante sobre os homens. A pressuposição de que motivos, causas, efeitos, lacunas e metas sejam próprios da história mesma é apenas uma tentativa de deslocamento de poder: a história, e não Deus, possui inteligência divina. Eruditos parecem fazer metafísica divinizando a história, o que pode dar a aparência de já terem abandonado a hipótese de Deus, quando é mais correto afirmar que apenas a abstraíram.

Ademais, a invisibilidade, o segredo e o mistério da Companhia são ótimos recursos para o uso e o abuso de poder por parte dos homens. O texto de Borges segue denunciando o mecanismo pelo qual o poder humano se apropria da suposta onipotência de Deus, agora fragmentada, em proveito próprio e para fins nem sempre justificáveis:

La Compañía, con modestia divina, elude toda publicidad. Sus agentes, como es natural, son secretos; las órdenes que imparte continuamente (quizá incesantemente) no difieren de las que prodigan los impostores. Además ¿quién podrá jactarse de ser un mero impostor? El ebrio que improvisa un mandato absurdo, el soñador que se despierta de golpe y ahoga con las manos a la mujer que duerme a su lado ¿no ejecutan, acaso, una secreta decisión de la Compañía? (Borges, 1994a 460)

Como se pode notar, a Companhia participa como o duplo do sujeito da ação humana. Vale como motivador da ação que o homem afirma e também da ação que o homem nega. Seu papel é escancaradamente ideológico.

Novamente o texto borgeano se demorará como ensaio, elencando conjeturas existentes sobre a Companhia:

Ese funcionamiento silencioso, comparable al de Dios, provoca toda suerte de conjeturas. Alguna abominablemente insinúa que hace ya siglos que no existe la Compañía y que el sacro desorden de nuestras vidas es puramente hereditario, tradicional; otra la juzga eterna y enseña que perdurará hasta la última noche, cuando el último dios anonade el mundo. Otra declara que la Compañía es omnipotente, pero que sólo influye en cosas minúsculas: en el grito de un pájaro, en los matices de la herrumbre y del polvo, en los entresueños del alba. Otra, por boca de heresiarcas enmascarados, **que no ha existido nunca y no existirá**. Otra, no menos vil, razona que es indiferente afirmar o negar la realidad de la tenebrosa corporación, porque Babilonia no es otra cosa que un infinito juego de azares. (Borges, 1994a 460)

A primeira conjetura, de que não mais existe a Companhia, confirma a ideia de vivermos em um contexto em que se critica a metafísica e em que, ao mesmo tempo, há profusão de acontecimentos, conceitos e crenças metafísicas sobreviventes pelo esforço da memória. A segunda conjetura estabelece a dependência da existência da Companhia à existência do último Deus, **que provavelmente aniquilará o mundo**. A terceira conjetura declara que a Companhia é onipotente, mas de uma onipotência que só exerce seu poder no microcosmo. A penúltima conjetura, por sua vez, denuncia que a Companhia nunca existiu nem virá a existir. E a última declara que é indiferente que a Companhia exista tanto quanto não exista, já que Babilônia “no es otra cosa que un infinito juego de azares”, o que reafirma a memória da metafísica: afinal só existem casos onde existiriam propósitos, e o homem insiste em tal conceito para sentir-se menos inseguro quanto ao não-sentido da história. O que muda com isso? Parece que o valor da vida humana continua assunto para ser resolvido pelos homens mesmos.

Por que não reter o que dá prazer? O jogo? Por que se aprisionar às justificativas que amparem os perdedores do jogo? Primeiro, é preciso lembrar que jogos são exercícios que exigem atenção especial durante o seu tempo de duração, sejam grandes jogos

de guerra ou pequenos jogos infantis. Retornemos à seguinte reflexão nietzscheana, presente em “Ecce Homo”, texto de 1888:

... essas pequenas coisas –alimentação, lugar, clima, recreação, a inteira casuística do amor-próprio– são, para além de todos os conceitos, mais importantes do que tudo o que se deu importância até agora. Aqui precisamente é preciso começar a reaprender. Aquilo que até agora a humanidade ponderou seriamente nem sequer são realidades, são meras imaginações ou, dito mais rigorosamente, mentiras provenientes dos piores instintos de naturezas doentes, perniciosas no sentido mais profundo – todos os conceitos ‘Deus’, ‘alma’, ‘virtude’, ‘pecado’, ‘além’, ‘verdade’, ‘vida eterna’... mas procurou-se neles a grandeza da natureza humana, sua ‘divindade’... Todas as questões da política, da ordem social, da educação foram falsificadas pela base e pelo fundamento por se tomarem os homens mais perniciosos por grandes homens –por aprenderem a desprezar as ‘pequenas’ coisas, quer dizer, as disposições fundamentais da própria vida...– Não conheço nenhum outro modo de tratar com grandes tarefas, a não ser o *jogo*: isso, como sinal de grandeza, é um pressuposto essencial. [...] minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo, mas amá-lo... (Nietzsche, 1987 153)

Se Babilônia é um jogo e Babilônia é o mundo, o mundo é um jogo. Se o homem joga sabendo que joga e é ciente do jogo em todos os instantes de duração do jogo, ele pode amar sua pequena atividade como sinal de sua grandeza, sem precisar recorrer a nomes maiores que o dele. Tal atividade prazerosa, no entanto, pode ser considerada a marca predominante de nosso contexto? Para qualquer lugar que nos viremos, lá no céu persistem as cenas de morte. Ainda não pintamos o céu com novas cenas e cores. Muitas vezes, talvez, nossa sociedade ainda prefira viver em um museu, em meio a antiguidades metafísicas que são fósseis, como onipotência e determinismo, ao invés de habitarmos o movimento externo da vida.

A onipotência em fragmentos, ora plena de poder, ora dele destituída, é a matéria prima do conto. Trata-se de matéria roubada do racionalismo metafísico para criação de um fantástico especial, o fantástico metafísico. Nele não há ambiguidade entre o real e o sobrenatural, os dois convivem comumente. O fantástico borgeano, nesse sentido, exige do leitor um tipo de leitura que persiga o dilaceramento da tradição metafísica, o reconhecimento de que a vida/morte da metafísica nos coloca como seres viventes de um mundo fantástico que está dentro de nós e ao nosso redor. Não é necessária a presença do elemento sobrenatural pois que vida e morte são intercambiáveis, tudo que é possível de um lado também é possível de outro, e o visível e o invisível se irmanam na mesma fina película.

Referências

- Borges, Jorge Luis. *Obras completas: 1952-72*. Buenos Aires: Emecé, 1993. Impresso.
- . "Inferno, I, 32." *Obras Completas: 1952-72*. Buenos Aires: Emecé, 1993: 185. Impresso.
- . "El encuentro." *Obras Completas: 1952-72*. Buenos Aires: Emecé, 1993: 417-421. Impresso.
- . "Ragnarök." *Obras Completas: 1952-72*. Buenos Aires: Emecé, 1993: 183-184. Impresso.
- . *Obras completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé, 1994a. Impresso.
- . "La lotería en Babilonia." *Obras Completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé, 1994a: 456-460. Impresso.
- . "Las causas." *Obras Completas: 1975-85*. Buenos Aires: Emecé, 1994b: 199. Impresso.
- . *Obras completas: 1975-85*. Buenos Aires: Emecé, 1994b. Impresso.
- . "El juego." *Obras Completas: 1975-85*. Buenos Aires: Emecé, 1994b: 182. Impresso.
- Nietzsche, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001. Impresso.
- . *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Impresso.
- . *Sobre verdad y mentira en sentido extramoral*. Trad. Luis M. L. Valdés e Teresa Orduña. 3. ed. Madrid: Tecnos. 1996: 15-38. Impresso. [Original alemão.]
- . *Obras incompletas*. Trad. e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. 4. ed., v. 2, São Paulo: Nova Cultural, 1987. Impresso. [Os Pensadores.]